

O RIO NA TERRA NATIVA EM FERREIRA DE CASTRO

Maria ILHÉU

Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento
MED – Instituto Mediterrânico para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento,
Universidade de Évora
milheu@uevora.pt

Resumo

O rio Caima e a aldeia natal, o Rio e a Terra Nativa, de Ferreira de Castro propõem-se como um par de poder taumatúrgico do qual emanam pilares imponderáveis para a construção do ser, do escritor e das suas personagens. As leituras do romance *Emigrantes* e do texto evocação “Aldeia Nativa”, convocam-nos a decifrar um léxico sentimental fluvial, que adensa as narrativas de simbolismo, e que espelha o vínculo emocional de Ferreira de Castro ao Rio, enquanto lugar de infância, de memória criadora e de imagética poética. A fluidez, significação e metáfora literária do Rio e das Águas é perscrutada através das leituras das obras de Ferreira de Castro e da imaginação que as mestica com o que se viu, ouviu e verdadeiramente sentiu junto aos rios, trilhando ínvios caminhos na passagem para o pensamento poético. Pretende-se assim e aqui recriar e re-inventar mais possibilidades de aproximação e relação com os rios através da literatura.

Palavras-chave: Paisagens fluviais, ecocrítica, águas, rios, poesia.

Abstract

The river Caima and the native village, the River and the Native Land, of Ferreira de Castro are proposed as a pair of thaumaturgical power from which emanate imponderable pillars for the construction of the being, the writer and his novel characters. The readings of the novel *Emigrantes* and of the text “Aldeia Nativa” invite us to decipher a sentimental fluvial lexicon, which thickens the narratives with symbolism and that mirrors Ferreira de Castro's emotional bond to the River, as a place of childhood, of creative memory and of poetic imagery. The fluidity, meaning and literary metaphor of River and Waters, is scrutinized through the readings of Ferreira de Castro's works and an imagination that mixes them with what was seen, heard and truly felt along the rivers, treading uneventful paths in the passage to the poetic thought. Aiming thus to recreate and re-invent more possibilities of approach and relationship with rivers through literature.

Keywords: River landscapes, ecocriticism, waters, rivers, poetry

No último espasmo do dia tudo de se aureolava de religiosidade, tudo se tornava humilde ante a noite nascente. Tinha-se uma sensação de maciez, de paz universal – veludo impalpável que tudo envolvia extaticamente. O verde dos lameiros ficara mais verde durante um momento, para logo desmaiar em verde limo, em verde marítimo, e a diafaneidade da luz só existia acima do Carvalhedeo ensimesmado.

Ferreira de Castro, *Emigrantes* (1928)

1. Introdução, sobre a Terra Nativa

“Todos os bichos, inclusive os vermes, é sabido, amam acima de tudo a liberdade”, assim escreveu Ferreira de Castro (1974, p.42) a propósito do lápis azul que banuiu muitos dos seus textos durante os anos da censura fascista em Portugal. É exatamente com esse sentimento de liberdade que avanço a escrita deste texto na primeira pessoa, narrando a minha experiência pessoal com os livros e textos do escritor beirão e com o seu rio Caima que agora é também meu, por encontro e apropriação literária e literal, no bom sentido. Nesta narrativa não são dispensadas consultas e referências a várias fontes bibliográficas, que me ajudaram a tecê-la, mas não é minha intenção fazer uma recapitulação sobre tudo o que se escreveu e inscreveu no agenciamento histórico dos temas que em particular me interessam e que aqui vou dando destaque. Escrevo com a liberdade de um caminhante/navegante que vai dialogando com Ferreira de Castro sobre o rio Caima e a sua aldeia natal, o Rio e a Terra Nativa, sobretudo através do romance *Emigrantes* e do texto evocação de 1969 “Aldeia Nativa”, e de uma breve passagem pelo romance *A Selva*, a Terra Exótica.

O Rio e a Terra Nativa aparecem-me como um par de poder taumatúrgico na vida e nestas obras literárias de Ferreira de Castro; deles parecem emanar pilares imponderáveis para a construção do ser, autor e personagens.

“O amor de todos nós ao rincão onde nascemos é egocentrista... ele é essencialmente emotivo...” (Ferreira de Castro, 1974, p.43); este amor é sem reservas exaltado por Ferreira de Castro, o qual exprime um deslumbre quase pueril perante os elementos e sujeitos da natureza que vestem a Terra Nativa, o seu território-mãe físico e imagético, incluindo o rio Caima que configura as paisagens matriciais e que as fertilizam em água, poesia e nostalgia. Sobre esse lugar (Figura 1) escreveu assim Ferreira de Castro no Guia de Portugal (1993, p. 608):

Cortado pelo rio Caima, debruado de **amieiros**¹ e de **salgueiros**, o vale de Ossela é uma série de **rincões edénicos**, onde a natureza veste as suas melhores galas, despretenciosamente, como se o fizesse por simples hábito. Torna-se, porém, necessário trilhar **ínvios caminhos**

para surpreender todo o encanto da terra doce, que parece contemplar-nos com uma meiguice sonhadora, numa ternura, que não se esquece.



Figura 1- O rio Caima no Vale de Ossela (fotografia de Carla Magro Dias)

A Terra Nativa assim descrita é um lugar imagético de descoberta e de paisagens vivas. Os termos meio ou ambiente parecem-me não ser muito comuns no léxico castriano; são descritores demasiado amplos, frios e vagos sem identidade nominal com os quais se possa estabelecer uma relação. Ferreira de Castro estabelece relações com a paisagem e com a natureza, que tendia a interpretar como sinónimos (Carvalho, 2017); referia-se aos sujeitos mais que humanos, pelos seus nomes, que conhecia bem, quer fosse um rio, uma árvore ou um vale. Ferreira de Castro conhece quem é o rio Caima. O rio é mais que as suas águas; é margem, praia, cor, vegetação, textura, som, luz e sombra, tempo. Neste sentido confrontamo-nos com um léxico sentimental fluvial rico em elementos naturais e paisagísticos próprio das suas ligações ao “mundo aquático”, ao rio Caima, mas também a outros com quem se foi cruzando no Velho e no Novo mundos. Neste léxico destaco algumas palavras que tecem as paisagens aquáticas nas narrativas romanceadas e íntimas: rio, rio Caima, regato, rincão, águas que passam, “águas frias e azuis”, “água azul fleumática”, água branda, meiga e cristalina, praia pequenina, praiazita, ilha, areia dourada, limos, verde limo, verde escuro, verde marítimo, folhagem, ramadas, amieiros, salgueiros, carvalhede ribeirinho, trutas, barbos, cenário nativo, lírico, feitiço,

vultos de sonho, vereda de chumbo, nostalgia, infância, ínvios caminhos, barco, embarcação, cruzeiro, navio, estradas líquidas, monstro líquido, rio Madeira, jacto doirado, igapó, raizame, água barrenta e grossa, espelho iluminado, curva do rio, profundidade abissal, senda de oiro, poesia. Intuo que este léxico (não restrito) serviria a Ferreira de Castro, quais embarcações de sentimentos, memórias, sentidos, para transitar na via-estrada líquida para entre passado e presente (quicá também futuro) alimentando o tempo contínuo e fervilhante da criação, da pulsação vital da vida e da escrita.

O vínculo de Ferreira de Castro à Terra nativa (Sensus Place attachment ver Low & Altman, 1992), exprime-se nos registos objetivos através da descrição detalhada de atributos e elementos paisagísticos ricos em detalhes e pormenores vivos, mas também e sobretudo através da experiência subjetiva, sugerida pelas personagens e por si mesmo nas narrativas auto-biográficas. A par de outros escritores que inscrevem a paisagem nas suas ficções através de um diálogo objetivo/subjetivo (e.g. Aquilino Ribeiro ver Queiroz, 2009), Ferreira de Castro também não fez das paisagens fluviais um mero cenário, mas a fonte de energia viva que passa pelas pedras, debaixo do rio, pelas árvores e pessoas que lá habitam, a partir das quais vivem as personagens, em fusão com o próprio autor. Dir-se-ia mesmo que por vezes a paisagem encarna uma personagem omnipresente com a qual as personagens humanas convivem com o corpo e o espírito (Ferreira de Castro, 1984a, pp. 12, 14, 26):

Lá em baixo, no campanário, o relógio deu três horas. Resoluto Manuel da Bouça, levantou-se e pisa aqui, arrasta ali o pé dolorido, atravessou o pinhal. Quando, porém, o outeiro, em **curva suave de ventre feminino**, se cosia ao sinuoso caminho que dava acesso à aldeia, deteve-se meditativo, a contemplar a sua casita, quase **debruçada no Caima**. [...] O lume do cigarro chegava já aos beijos de Manuel da Bouça e ele continuava a contemplar a margem do rio, onde se exponham os campos cobiçados e onde a sua casa fumegava, indolentemente na quietação da tarde. [...] **O azul do Caima ia-se tornando negro**, a água confundia-se já com a terra, sob o mesmo véu escuro, e os **amieiros**, apagado o recorte da folhagem, ficavam ali como **vultos de sonho**, como embuçados perscrutando o **mistério da noite**.

No drama da vida de Manuel da Bouça, personagem de *Emigrantes*, a evasão da dura realidade da Terra Beirã (primeiras décadas do século XX), o sonho, a contemplação, e a meditação, são projetados no lugar do natural, através do qual se pressente uma pulsação ambivalente entre a quietude exterior e a agitação interior, a dar corpo ao drama da revolta com a Terra Nativa, relativamente à qual se impõe a rutura. Em *Emigrantes*, as referências à paisagem e ao rio aparecem frequentemente associadas à contemplação nostálgica da casa, que emerge enquanto lugar físico, mas também como lugar matricial, a própria Terra Nativa, na qual o rio, metáfora de “princípio de mundo”, mas também de transformação, se propõe como meio de viagem no tempo, como caminho para um

destino que metamorfoseia o próprio tempo. Junto ao rio Caima, Manuel da Bouça devaneia e parece esboçar uma “vontade que sonha e que, ao sonhar, dá um futuro à ação”², à transformação da sua vida. A imagética fluvial é muito forte na escrita de Ferreira de Castro (Carvalho, 2007), no qual o Caima ressoa desabafos memorialísticos, espalhando em *Emigrantes* toda a sua força simbólica.

O vínculo íntimo e sentimental de Ferreira de Castro ao rio Caima, nascido muito provavelmente por força das suas experiências iniciáticas juvenis face ao excesso que encontrava já no belo natural é reforçado mais tarde e provavelmente continuamente na criação literária através da busca desse auto-conhecimento, de si mesmo e do mundo. Para Filomena Molder (2007) há na natureza um excesso em relação ao nosso entendimento. A natureza como ideia, diria mesmo como imaginação, segundo Molder (2007, p. 81) “corresponde à solicitação da coisa excessiva, e desta forma é um modo de nós nos orientarmos em visita a um vínculo íntimo, sentimental, como a natureza, e isso revela-se uma forma de auto-conhecimento” A ideia de Rio, contém em si mesma o excesso da natureza, em nascimento constante e que se renova pela sua própria morte. O reconhecimento desse excesso é acompanhado pela descoberta de que em nós também há um excesso que pode vir a encontrar-se com o excesso que é a natureza, talvez por isso tantas vezes os rios são metáforas da vida humana:

Nuestras vidas son los ríos
Que van a dar en la mar,
Que es el morir...³

O princípio de toda a vida é representado pelas águas primordiais, as águas nascentes, contidas no rio-vida em constante mudança, às quais não é possível regressar a não ser através de um feitiço, que em Ferreira de Castro não se quebrou, “a nostalgia couraçara-o” (Ferreira de Castro, 1974, p.47). Na evocação das memórias sobre a Terra Nativa, os elementos paisagísticos fluviais aparecem descritos com uma densidade de pormenor e nitidez e simultaneamente “aureolados de religiosidade e fascinação”; no Brasil, a personagem Manuel da Bouça “[...] via nitidamente o barranco, quase todo forrado de musgo ensombrado pelos carvalhos e salgueiros que se debruçavam lá em cima, com algumas raízes descobertas na ribanceira, e em baixo um ténue fio de água, deslizando entre macias plataformas de relva branca” (Ferreira de Castro, 1984a, p.176) e ouvia o “despenhar das águas pelos córregos e o surdo rumor do Caima, que atravessava barrento e cheio de destroços, a parte de baixo da freguesia” (Ferreira de Castro, 1984a, p.167), enquanto um filme decorria numa sala de cinema do outro lado do oceano.

A procura e íntima perscrutação dos rios e do mundo das águas na literatura desafiou-me a percorrer caminhos não antes trilhados no meu percurso de ecóloga. Neste

percurso juntei as leituras dos romances com a visita ao rio Caima, no sector fluvial entre Palmaz e Ossela, no Concelho de Oliveira de Azeméis em abril de 2021. O presente texto, mais do que pretender traduzir as obras literárias em princípios, conceitos ou dinâmicas ecológicas, muito comumente abordados na Ecocrítica (Buell, 1999), explora sobretudo a pedagogia da poesia dos rios e das águas através da sua fluidez, significação e metáfora literária. E experimenta-se no domínio da imaginação material defendida por Gaston Bachelard (1991, 2002)⁴, para trilhar ínvios caminhos na passagem para o pensamento poético. Como Kant bem compreendeu e nos transmitiu, para conhecer, temos que imaginar; a imaginação que aqui se pratica combina as leituras das obras de Ferreira de Castro com a experiência pessoal do que se viu, ouviu e verdadeiramente sentiu junto aos rios. Pretende-se que estas partilhas deixem ao leitor novas possibilidades relacionais de imaginação e aproximação aos rios.

2. Primeiras águas, águas nascentes

Natural da aldeia de Salgueiros, freguesia de Ossela, Ferreira de Castro “não poderia vestir-se de melhor natividade”, escreve Jaime Brasil⁵, pois o nome de Salgueiros, árvore característica das galerias ribeirinhas “deixa entrever quais os Deuses vegetais que apadrinharam o seu batismo” e que configuram o seu berço banhado pelas águas nas quais se debruçam salgueiros e amieiros⁶, seres pródigos em causar visões diáfanas.

Em “Aldeia Nativa” encontrei o que intui das leituras de *Emigrantes*; a confissão sobre o significado e o sentido do Rio para Ferreira de Castro (1974), do rio Caima na sua Terra Nativa, terra-mãe. O rio como paixão e poesia pura (p. 46):

[...] e o Caima, minha paixão, de **água azul fleumática**, refletindo a longa **teoria dos amieiros ribeirinhos**, enquanto deslizava para as lonjuras que ela desconhecia, que eu desconhecia também e que já nesse tempo amava com veemência.”

Era aí que Ferreira de Castro (1931), enquanto menino, se banhava, se aventurava e provavelmente se terá iniciado nos encontros telúricos e líricos com o Caima e na “teoria dos amieiros ribeirinhos” (p. 12):

Lá estava **sobre a praia** o meu fatito e eu de corpo nu e com muito medo. [...] Faltava-me a liberdade para determinados gestos e o meu orgulho nascente sofria com isso. Sobretudo, no verão, quando eu ia tomar banho ao rio. Éramos sempre quatro ou cinco. Saíamos da escola no período do segundo recreio e, galgando **ínvios caminhos**, saltando combros e rompendo milharais, íamos mergulhar nas **águas frias e azuis do Caima**, entre **amieiros sussurrantes**.

A ligação poética que Ferreira de Castro (1974) estabelece entre o Rio, a Natureza e a sua aldeia é inequívoca e é fonte de alimento da memória criadora. A poesia transforma a aldeia de Salgueiros num território onírico através da mestiçagem de paisagens fluidas, íntimas, de construção imagética, que são “imagens do arquivo de infância” e que Ferreira de Castro usa para chegar um lugar-tempo onde mantêm puros os óleos essenciais para a superação e para a criação literária. A revelação, do que representa a sua aldeia, a Terra Nativa, é expressa sem véu (p. 46):

Para mim, a aldeia em que nasci não é apenas a infância que nela me decorreu, incompreendida e triste, é também **a poesia** que já então lhe captava, a poesia que ela tinha, mais tarde inflamada por aquela de que eu mesmo a impregnei. Poesia que tantas vezes me retirava a lembrança dos dias infantis para recordar apenas **o encanto da Natureza**, que eu não conseguia evocar, lá longe, nas ardentes paragens do exílio, sem fervor e sem desespero.

A relação poética e amorosa com os rios e a sua inscrição a partir da Infância, pode ser encontrada em muitas histórias pessoais e em várias obras literárias, nomeadamente na poesia dos que descobriram quietudes nas margens do Lis, do Mondego, do Sado ou Tejo, mas cuja compilação não se pretende aqui. Não resisto, no entanto, a evocar uma certa analogia entre a relação o rio Caima, afluente do Vouga de Ferreira de Castro e o rio Almansor, afluente do Tejo do escritor João Alface (2007, p. 61); relações de aventuras, encantamento, iniciação, imaginação:

Este rio Almansor, de bela sonoridade árabe e épica, nunca soube de onde nascia ou se chegava ao seu destino, algures no Tejo e essa discreta condição maravilhou a minha imaginação juvenil. [...] Nenhum de nós rapazes, à época da minha juventude montemorense, teria ouvido falar de Heraclito e por isso nos banhamos inúmeras vezes no mesmo Almansor, imunes às acrobacias da dialética e abertos a voos mais altos.

Estes rios assim como outros que aqui não têm nome, bem vistas as coisas, não são muito diferentes quanto ao modo como contaminaram a infância e adolescência de quem com eles privou, nem quanto ao que lhes impregnou o ser. Eu diria que é o mesmo rio, água da memória e da criação.

3. Águas correntes, águas transcendentais

A Terra Nativa parece ser, para Ferreira de Castro (1974), um cais de onde deriva uma cosmovisão “pessoal” imbuída de significações telúricas e existencialistas (p. 45):

O homem ama na sua terra natal os seus hábitos... e ama sobretudo a sua **infância que lhe comandará a vida inteira** e se amalgama com o drama biológico do envelhecimento e da

morte. Ama esse período da sua vida por saber que jamais voltará a vivê-lo; e essa certeza de irrecuperabilidade **embeleza-lhe o cenário nativo** [...].”

O drama biológico é o drama da finitude e da transitoriedade e o Rio é a ancestral metáfora do tempo. A água é o elemento do transitório, ligado a um tipo de destino que se metamorfoseia incessantemente. A clássica analogia entre o tempo da vida e o Rio é universalmente reconhecida nas palavras de Heraclito (Fragmento 91 In Costa, 2002) “Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio” e o destino dos humanos emula o destino das águas que correm. As águas correm como o fluxo da vida e no horizonte terreno confrontamo-nos com a irrecuperabilidade do passado pois ilustram a sensação de perda e dissipação. A própria dinâmica fluvial e a sua configuração são também metáforas da vida humana. O rio é um ecossistema definido pela unidirecionalidade (unidirecionalidade) do seu fluxo de água que lhe comanda toda a estrutura e funcionamento, desenhando uma rede de hídrica única que se complexifica desde a nascente primordial à foz, do nascimento à morte. Por outro lado, a sua substância matriz, a água, configura-se materialmente sem ter uma forma, uma determinação acabada. Consiste, pois, tão somente numa dinâmica, a dinâmica de um tornar-se. A água vem a ser sempre outra, sem jamais deixar de ser a mesma, assim nomeada princípio de tudo, princípio uno da Sentença de Anaximandro (Heidegger, 2002). Se as Águas e o Rio se identificam com o princípio uno, podem, por analogia, representar-se pelo número um e este significa, o ser humano, o ser humano ativo, lutando contra uma dura realidade, mas com toda a sua força criativa (Chevalier & Gheerbrant, 1990). Neste sentido as Águas na relação com o humano ativo e criador são, pois, a expressão do *Conatus* da vida e da arte.

A transcendência das Águas e do Rio na ligação com o humano aparece através da relação de grande afeto que Ferreira de Castro (1974) estabelece com uma personagem real, o Tio Zé Moleiro, cuja vida representa a poesia humana (pp. 49, 50):

[O] Tio Zé Moleiro ... No domingo, como todos os camponeses, para ir à missa, lavava a cara, os sovacos, e os pés num alguidar, ele que **passava a vida sobre a água** que lhe movia a azenha e à beira dum rio que era o seu único horizonte. [...] O meu afecto pelo Tio Zé Moleiro provinha de ele ser, entre todos os demais habitantes, o único que para mim representava **a poesia humana da aldeia**. [...] O Tio Zé Moleiro era o único ser humano que convivia dias inteiros com essa grata poesia; e por tão singular privilégio eu o visitava sempre que de Lisboa ia à aldeia.

A revisitação do Tio Zé Moleiro e do lugar onde vivia, reforçava e alimentava o vínculo de Ferreira de Castro ao rio Caima, do qual emanava toda uma riqueza de pormenores que o mantinham vivo na memória dos afetos (pp. 50, 51):

A vida do Tio Zé Moleiro decorria no trecho do Caima que foi para mim, em criança, o mais **límpido e tentador**. Após o açude, de onde manava a levada para o moinho, o rio entortava-se numa curva e logo se endireitava por entre frescos carvalhos duma banda, verdes pâmpanos da outra, desvelando mais abaixo uma **praia pequenina e doirada** e, mais além ainda, uma **ilha**.

O Tio Zé Moleiro poderá representar também, para Ferreira de Castro, o confronto entre a permanência e a impermanência da vida, entre o sedentarismo dos conformados e os que partem com as águas correntes. A devoção e homenagem ao Moleiro-Rio surge, para mim, como outro ato taumatúrgico que pretende tornar imutável o que se transforma constantemente e que emerge da busca de algo para lá do tempo da mudança e que se inscreve no nomadismo temperamental de Ferreira de Castro “sempre faminto da poesia do Mundo”. É quiçá também uma forma de resistência lírica à constante navegação de Ferreira de Castro” entre o desejo do universal e a sua atração pelos “pequenos mundos” (Carvalho, 2017). Este movimento dialógico alimenta-se no ciclo das Águas (ciclo da vida), do Rio (caminho) e da sua poesia. A aceitação deste ciclo exprime-se numa espécie de existencialismo pacificado pela poesia telúrica, insinuada na “Teoria dos amieiros” que não é revelada, mas que se intui na construção da unidade do léxico sentimental fluvial (Ferreira de Castro, 1974, p. 53):

Absorto, quase oculto pelos **amieiros**, o cigarro fumegando entre os dedos como o vício me impõe, eu via a **água passar, branda, meiga e cristalina**. Via romanticamente, que românticas haviam sido, desde menino, sobretudo depois de emigrar, as minhas relações com a aldeia. Via-a ladeando a **pequenina praia**, em frente a mim, como se me acariciasse, leve e transparente, a sua **areia fina e dourada**. E via-a deslizar, com um **verde escuro** já profundo, à sombra dos **amieiros**, quase rente à sola dos meus sapatos. Dir-se-ia que me cumprimentava, que me sorria docemente, que também ela se lembrava de quando eu vinha ali, com outros garotos, depois de sairmos da escola, aprender a nadar. [...] A água continuava a passar, lenta e carinhosa, refulgindo ao sol e deixando os **limos** daqueles tempos.

Uma vez mais, Ferreira de Castro, recorre ao léxico fluvial para criar uma cena carregada de simbolismo onde um certo conhecimento da ecologia dos rios ajuda a dar densidade à narrativa; os limos⁷ são testemunhos disso, representando as marcas de um tempo passado, pois encontram-se bem visíveis nas margens dos rios depois de uma enxurrada seguida da descida abrupta no nível das águas. O Rio representa-se aqui no lugar simbólico do ser em devir, centro cósmico e ontológico. No Rio, o espaço e tempo fundem-se, igualam-se e experimenta-se o sentimento da unidade cósmica. A unidade que se revela a partir da visão da Terra Nativa, do vale do rio Caima (Ferreira de Castro, 1974, p. 47):

Ora exaltado, ora exultante, ora enternecido, dir-se-ia que alcançava com um só olhar toda a minha aldeia, como o poderiam fazer, lá do alto, se existissem, as velhas divindades que a angústia humana inventou. E pela primeira vez na vida tive a estranha sensação de que eu, adversário da propriedade, era o super-proprietário, o proprietário abstrato de toda a natureza que os meus olhos contemplavam.

A comoção estética na relação com a Natureza, reforça a fusão do escritor com a Terra nativa: “Toda aquela beleza estava à minha espera, toda ela se me entregava, toda ela me pertencia, sem impostos, sem cálculos mesquinhos, sem nenhuma ambição”. Em *Emigrantes*, Ferreira de Castro (1984a, pp. 30, 31) pontua frequentemente o romance com descrições de êxtase sobre o belo natural, nomeadamente nos momentos de deambulação da personagem principal na sua fusão com a paisagem, o todo circundante:

Manuel da Bouça desceu a encosta. Em baixo, o ribeiro era já uma **vereda de chumbo**, serpenteando entre vimes doirados e salgueirais onde saltitavam melros. [...] Toda a terra era uma corola enorme, desabrochando sob o sortilégio da manhã. Tudo refulgia; tudo, até os troncos dos carvalhos novos [...]. O ribeiro passara de chumbo a prata. A mata do outro lado, estendia-se sob um lençol níveo e imponderável.

Sánchez de Muniaín (2011) refere-se a esta natureza incorporada, diria mesmo encarnada, como um acometimento do exterior natural que penetra por todos os poros e sentidos do corpo e por todas as janelas da alma, num movimento afectivo gerador de estados superiores de consciência. A intimidade originária entre o indivíduo humano e o seu circundante natural, que no sujeito contemplativo se manifesta como sentimento de unidade primordial tem sido relatado por inúmeros autores de diferentes tempos e de diferentes áreas de saber, como fonte de criação e exaltação da vida. A literatura Portuguesa é prodiga nestes testemunhos, que para mim tem um dos seus expoentes máximos na poesia de Alberto Caeiro, heterónimo de Fernando Pessoa. Enumerar testemunhos sobre experiências do belo natural como fonte de criatividade e sentido de comunhão com o “divino” seria uma tarefa interminável (ver no entanto e.g. Kellert, 1998).

Apesar da relevância do belo natural no resgate da sua relação com a Terra Nativa, há, no entanto, em Ferreira de Castro o mesmo desconsolo e desgosto, que encontro em mim, face ao confronto com o que o “progresso humano” implicou e continua ainda a implicar na destruição e alteração de habitats naturais, “no abate de velhas árvores, no desaparecimento de um velho pinheiro manso e o arroteamento do pinhal” que é referido pelo escritor em “Aldeia Nativa”. Ainda assim em 1974, Ferreira de Castro (1974, p. 48) parecia disposto a abdicar das suas paisagens amadas, se isso representasse “acabar com os casotos miseráveis, com a fome milenar de homens e mulheres e com a dureza das condições de trabalho pois “transformaria a aldeia, transformaria o velho mundo num

mundo novo, com uma sociedade nova e um homem novo, transformaria em novas realidades as esperanças válidas tanto tempo reprimidas, mesmo que das paisagens amadas ficasse apenas, como do venerado pinheiro manso, a saudade do egocentrismo poético que vinha da minha infância.”²³

Acrescenta, no entanto, que não seria necessário sacrificar tudo o que fosse fonte de encanto, que se deveriam “criar outras expressões de Beleza para fruição dos homens, já que o sentimento do Belo é um dos habitantes do espírito humano, como desde há muito se sabia...”. Ferreira de Castro encontraria hoje no rio Caima da sua Terra Nativa, ainda expressões do belo apesar da proliferação de açudes e de canais e assim como da degradação da qualidade da água, particularmente a jusante da ETAR de Ossela.

4. Outras águas, e sempre as mesmas

Aos doze anos de idade, Ferreira de Castro emigra para o Brasil, e a despedida da Terra Nativa, acompanha a despedida do rio Caima, a qual se pode encontrar através da personagem Manuel da Bouça em *Emigrantes*; “A este já não volto a pôr os olhos em cima. E esse pensamento tornou-o tão triste como se lhe tivesse morrido alguém”. Imbuído de um sentimento de profunda tristeza, Manuel da Bouça ao despedir-se do rio, em certo sentido despede-se de si mesmo, da sua vida paisana, assim como o fez Ferreira de Castro relativamente à sua Terra Nativa, às paisagens da sua infância (Ferreira de Castro, 1974, p. 46); “Todas estas imagens, essas e tantas outras, diariamente vivificadas desde que, menino ainda, delas me separei, exagerando-lhes os encantos, imbuindo-as duma fascinação irresistível, dum sortilégio inefável, me faziam sofrer”.

As viagens para o Brasil e no território Brasileiro, do escritor e das personagens principais dos romances *Emigrantes* e *A Selva* (Manuel da Bouça e Alberto respetivamente), decorrem como que através de “navegações aquosas” que se iniciam com a descida do Vale do rio Vouga; “Madrugada ainda escura, tomámos eu e o Sr. Esteves, o comboio do Vale do Vouga”⁸ acompanhadas de palavras impertinentes sobre o rio Zezêre... “No Zezêre... No Zezêre...” que se albergavam no cérebro de Manuel da Bouça na viagem em direção a Lisboa, rumo ao oceano Atlântico, para daí zarpar rumo às águas do Novo Mundo (Ferreira de Castro, 1984a, p. 58). Nesta descida, com partida metafórica nas águas do rio Caima - Estação de Ossela, afluente do belo e denso rio Vouga, há um simulacro de descida às águas profundas, escuras, desconhecidas que é acompanhada por uma mudança de fase, do mundo dulçaquícola para o salgado. Esta descida às águas largas e profundas pode ser lida como uma viagem iniciática de passagem para uma outra forma de vida, onde o indivíduo imaturo e inocente se transforma, à semelhança de algumas espécies de peixes anádromos⁹, cujo salmão é um dos exemplos mais paradigmáticos. À semelhança dos pequenos salmões, que passando a fase juvenil nas cabeceiras dos rios,

migram para o grande oceano onde se fazem adultos, voltando mais tarde ao rio onde nasceram para completarem o seu ciclo de vida, também Ferreira de Castro e as suas personagens principais de *Emigrantes* e *A Selva* seguem de certa forma este percurso, sofrendo como migrantes, mas recebendo também um “banho lustral, um batismo purificador” como descreve Jaime Brasil (1984).

No romance *A Selva*, “dedicado a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazónica, pelo que nela sofreu durante os primeiros anos da sua adolescência e pela coragem que lhe deu para o resto da vida”¹⁰ a navegação inicia-se em movimento ascendente, com Alberto subindo o rio Madeira, entre o assombro e o esmagamento perante o “monstro líquido”; “Depois de saber que toda aquela água não era pertença do oceano, mas sim o corpo da incomensurável aranha hidrográfica da Amazónia, vinha-lhe o assombro da vastidão, do que pesa e esmaga pormenores e, pela sua grandeza, se recusa de começo à fria análise” (Ferreira de Castro, 1984b, p. 38). Alberto sobe o rio em direção ao Seringal Paraíso, numa viagem metafórica ao inferno e ao princípio do mundo, entre o enjoo, o nojo e a revolta face à humilhação e degradação humana e o “espetáculo das margens, da sua inquietude, do seu assombro e seu espanto” (p. 41):

[...] a existência de rincões em eterna sombra, de criptas vegetais onde o sol jamais entrava, terra mole e ubérrima, lançado por todos os poros um tronco para o céu - **um mundo em germinação fabulosa**, alucinante e desordenada, negando hoje os princípios estabelecidos ontem, afirmando amanhã uma realidade que ninguém ousaria antever. E entre o raizame, que formava altas e largas cavernas, na superfície balofa da lama que ainda não solidificara e de folhas apodrecidas, esvoaçavam insectos de infinitas variedades e coleavam, surdamente, répteis monstruosos – **olhos verdes de mortal fascinação** e formas do mundo pré-histórico.

O mesmo movimento metafórico se encontra em *Coração das Trevas* de Joseph Conrad (2000, p. 38); “Subir o rio era como viajar para trás aos mais recuados princípios do mundo, quando a vegetação transbordava da terra e as árvores reinavam. Uma torrente deserta, um grande silêncio, a floresta impenetrável”.

No Brasil, embora “despaisado”¹¹ e saudoso da sua Terra Nativa, Ferreira de Castro (Ferreira de Castro, 1984b) encontra deslumbre e assombro no belo natural da selva e nas suas “estradas líquidas”. A poesia da dança do rio com as águas, o céu e a luz, e dos seres fluviais nele debruçados e refletidos, é retratada com igual fulgor tanto a Terra Nativa como a Terra Exótica – a selva Brasileira (p. 107):

A água negra tornara-se **senda de oiro**, onde a romaria desenhava vultos estranhos e alucinantes. O Luar descia peneirando-se por entre a folhagem adormecida, pincela aqui, pincela acolá, cobrindo de jóias extravagantes os troncos e os seus rebentos. De quando em quando, um rasgão, **um jacto doirado que ligava o igapó ao céu**, marcava nitidamente a

verdadeira altura da selva. Em redor do espelho iluminado, as sombras mostravam-se **diáfanas** e a água sob os galhos ribeirinhos, sugeria profundidade abissal.

No entanto, enquanto a Terra Nativa é mansa e suave qual ventre feminino, a selva é grandiosa, misteriosa, dominadora. É sobre este signo que Ferreira de Castro passa quatro anos (entre os 12 e os 16 anos) no Seringal do Paraíso, nas margens do rio Madeira, em Belém do Pará, onde terá aprendido a nadar sobretudo no sentido metafórico (Ferreira de Castro, 1974, p. 54):

E afinal, não foi naquela **praiazita do Caima**, fantasiosamente arabescada, nas tardes de sol, pelas rendadas sombras dum carvalho ribeirinho, que eu aprendi a nadar. Foi num curso mais longo, mais amplo e de maior profundidade, longe dali, entre arraiais de esporões envenenadores, tão ferozes como os de certos generais; entre piraíbas que eram dentro do mesmo rio, irmãs dos tubarões dos grandes mares; entre piranhas aguardando que a minha pele segregasse uma gota de sangue para me devorarem imediatamente e jacarés a alguns metros apenas de mim, os únicos inofensivos, apesar da sua velha fama e do seu feitio repugnantemente pré-histórico. Mas também naquela **água barrenta e grossa**, viajando sobre um permanente colchão de lodo, ia ter ao oceano e nele se depurava até se tornar **azul como uma quimera**.

Foi nas margens do rio Madeira que Ferreira de Castro se fez homem e onde se confrontou com o horror, a dureza da vida, com as chagas dos homens e das seringueiras no mistério da grande floresta. A selva terá sido a sua “escola de meditação e retiro espiritual” onde desenvolveu aprendizagens sobre a interdependência dos seres vivos e a dinâmica dos sistemas ecológicos e sociais e provavelmente compreendeu que a sobrevivência e prosperidade dos humanos e dos mais que humanos dependiam de uma rede e organização comunitária própria. Neste sentido a experiência do mundo natural juntou-se à do mundo humano social, potenciando uma maior amplitude de conhecimento do mundo. Ferreira de Castro confessa que o sonho de publicar um texto seu, que cedo despontou, se realizou aos 13 anos quando se encontrava também no rio Madeira, de onde enviou uma espécie de conto a um pequeno mensário do Rio Grande do Sul, que o publicou¹².

Os rios vão acompanhando Ferreira de Castro ao longo da sua vida e obra (Carvalho, 2007) tal como o acompanham nas despedidas sofridas. E tal como Manuel da Bouça em *Emigrantes* se debruça sobre o Caima contemplando e despedindo-se da Terra Nativa, também Ferreira de Castro (1984c) se debruça a ver a curva do grande rio Madeira, na evasão do Seringal Paraíso (p. 12):

Debruçado na amurada, de coração oprimido, demorei-me a ver o navio distanciar-se, **avanzando para a curva do rio**, essa curva que, quando o sol nascia, dava ao grande curso líquido, com a ténue neblina do seu próprio bafo, o aspecto brumoso de um lago a despertar.

As águas partem constantemente, assim nós com elas, no mesmo Rio, o Rio da Vida.

5. Em conclusão

Este texto navegou nas paisagens fluviais de Ferreira de Castro, a partir das suas obras e textos auto-biográficos, tendo como cais de partida a Terra Nativa no rio Caima, o seu território natal e de memória criadora. Nesta ínvia navegação, assumidamente criativa, as visões do Rio, ora espriado em água mansas, ora serpenteando por uma pequenina ilha doirada, ora passando de azul a negro, espelham toda a grandeza literária de Ferreira Castro que por sua vez espelha o deslumbre, assombro e paixão que o Rio impregnou na pessoa e no escritor. As experiências líricas de Ferreira de Castro com o Rio (Caima e outros), assim como a minhas, nas suas dimensões íntimas, efetivas e transcendentais, representam um mistério profundamente tocante, impregnado de meta-realidades, no qual tudo se funde, tudo é uno e primordial. Estas são experiências sublimes que quando acontecem na infância e na juventude, pressente-se que comandarão a vida inteira de quem as vivenciou, através de uma certa forma de feitiço, de intensificação musical íntima. Estes feitiços são alimento da memória criadora e alimentam também a imaginação dinâmica e ativista, como as próprias águas mobilizadoras de vontade de transformar. Neste sentido, os encontros com os rios podem transformar reciprocamente os sujeitos que se encontram.

Os rios e as paisagens fluviais ligam o céu e as águas com a terra e ressoam em nós essas ligações matriciais através da poesia, que as faz refulgir; são paisagens amadas e tão bem pinceladas por Ferreira de Castro. Pela experiência do belo, os rios tornam-se fonte de amor. Nestes romances de Ferreira de Castro podemos aprender o amor pelos rios através da literatura. Podemos aprender a amar os rios através de muitos modos de conhecimento fenomenológico e descoberta do mundo; belas artes, música, ciências, humanidades. Mas o amor pelos rios desenvolve-se sobretudo nos romances com a Terra, com o corpo inteiro, nos encontros com as águas, com a luz bruxuleante nos troncos dos amieiros.

Todos estes diversos modos de relação amorosa e iniciática com o Rio¹³, poderão quiçá resgatar o cuidado que lhes importa dedicar, reabilitando, recuperando e re-naturalizando todos os rios que na Terra se encontram contaminados, moribundos e sementos de vida.

Referências bibliográficas

- ALFACE J. (2007). Eu Rio. *Projecto Rio – Rio, Paisagem e Cidade*, Oficinas do Convento, Montemor-o-Novo.
- BACHELARD, G. (1990). *A terra e os devaneios do repouso – Ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, G. (1991). *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, G. (2002). *A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes.
- BUELL, L. (1999). Letter – An introduction to Ecocriticism. *Forum on Literatures and Environment*. *PMLA* 114 (5): 1090-1092.
- CARVALHO, A.C. (2017). *Terra Nativa: Natureza e Paisagem humanizada em Ferreira de Castro*. Ossela: Centro de Estudos de Ferreira de Castro.
- CHEVALIER, J., CHEERBRANT, A. (1990). *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- CONRAD, J. (2000). *O Coração das Trevas*. Lisboa: Editorial Estampa.
- COSTA, A. (2002). *Heráclito. Fragmentos contextualizados*. Rio de Janeiro: Difel.
- FERREIRA DE CASTRO. (1931). “*Memórias*”, in Ferreira de Castro e a sua Obra, apud Jaime Brasil, 1931, Livraria Civilização, Porto.
- FERREIRA DE CASTRO (1974). *A Aldeia Nativa, Os Fragmentos*, Guimarães & Cª Editores, 2ª Edição, Lisboa.
- FERREIRA DE CASTRO (1984a). *Emigrantes, Obras Completas de Ferreira de Castro*, Círculo de Leitores, Lda. Lisboa.
- FERREIRA DE CASTRO. (1984b). *A Selva, Obras Completas de Ferreira de Castro*, Círculo de Leitores, Lda. Lisboa.
- FERREIRA DE CASTRO (1984c). Pequena história de “A Selva” In *A Selva, Obras Completas de Ferreira de Castro*, Círculo de Leitores, Lda. Lisboa.
- FERREIRA DE CASTRO (1993). De oliveira de Azeméis a Vale de Cambra, *Guia de Portugal, Beira Litoral*, 3ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- HEIDEGGER, M. (2002). *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- KELLERT, S. (1998). *A National Study of Outdoor Wilderness Experience*. Consultado a 14 julho 2021, em <https://eric.ed.gov/?id=ED444784>.
- LOW, S. M., & ALTMAN, I. (1992). Place attachment: A conceptual inquiry. *Human Behavior & Environment: Advances in Theory & Research*, 12: 1–12.
- MOLDER, M.F. (2007). A diferença entre o ser que diz sempre não e o ser que se contradiz a si próprio. In Frois V (coord. e ed.). *Projecto Rio – Rio, Paisagem e Cidade* (pp. 81-83). Montemor-o-Novo: Oficinas do Convento.
- MUNIAÍN, J.M.S. (2011). A estética da paisagem natural. In A.V. Serrão (coord.). *Filosofia da Paisagem, uma Antologia* (pp. 78-92). Lisboa: CFUL.
- QUEIROZ, A.I. (2009). *A Paisagem de Terras do Demo*. Lisboa: Coleção Gulbenkian Ambiente, Esfera do Caos Editores.

Agradecimentos

Agradeço dedicadamente aos que me apoiaram e acompanharam nos ínvios caminhos trilhados: à Ana Cristina Carvalho pelas sugestões literárias que me permitiram fazer uma extraordinária viagem de descoberta do rio Caima e das obras de Ferreira de Castro; ao Carlos Castro, do Centro de Estudos Ferreira de Castro, por me ter recebido tão calorosamente em Ossela e me ter facultado alguma literatura de suporte fundamental para a escrita deste texto, em particular “Aldeia Nativa” de Ferreira de Castro; à Carla Magro Dias, por me acompanhar nas viagens aos rios e na vida.

Notas

¹ O negrito é destaque próprio para sinalizar o léxico fluvial sentimental e não do original no texto analisado.

² Os devaneios decorrem de uma imaginação ativista, onde uma “vontade que sonha e que, ao sonhar, dá um futuro à ação” (Bachelard, 1990), p.1. Na dupla realidade da imagem, física e psíquica, dá-se a união do imaginado com o imaginante.

³ Excerto do Poema “Discurso Sobre Rios” de Carlos da Cunha In “Porque a lua se quebrou” – Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, Braga (1988).

⁴ Bachelard consagra a imaginação dos quatro elementos materiais que a filosofia e a ciência antigas, assim como a Alquimia, colocaram na base de todas as coisas (Bachelard, 1991). Aí estão as fontes do imaginário poético, que permitem uma leitura das diferentes poéticas. Em *A água e os sonhos*, Bachelard (2002) vê a água como um elemento transitório, ligado a um tipo de destino que se metamorfoseia incessantemente. A água é o elemento das misturas. Junto à terra transforma-se em massa a ser modelada. Traduz experiências de fluidez e maleabilidade. Quase todos os exemplos que compõem *A água e os sonhos* são tirados da poesia. Para Bachelard, a água é uma realidade poética completa.

⁵ Jaime Brasil, Prefácio de *Emigrantes*, Obras Completas de Ferreira de Castro, Círculo de Leitores, Lda. Lisboa (1984).

⁶ Os ameiros (*Alnus spp.*) e os salgueiros (*Salix spp.*) são árvores ripícolas que pelas suas exuberantes e particulares copas, ramagens e folhas causam efeitos visuais extraordinários nas margens dos rios.

⁷ Limos são uma mistura de água, argila e vegetação maioritariamente composta por microalgas tendencialmente filamentosas, dos géneros *Cladophora* e *Phithosphora*.

⁸ Memórias – In *Vários estudos sobre Ferreira de Castro e a sua obra* –Ed. Liv^{ra} Civilização – Porto (1938).

⁹ Peixes anádromos são espécies diádromas que migram, entre ambientes com características distintas, designadamente a água doce dos rios e a água salgada. Apresentam uma fase de alimentação e crescimento no mar anterior à migração dos adultos para o rio onde se reproduzem e de onde migram as formas juvenis para o mar.

¹⁰ Pórtico de Ferreira de Castro (1930) “*A Selva*”. Obras Completas de Ferreira de Castro, Círculo de Leitores, Lda. Lisboa, 1984.

¹¹ Termo usado por Jaime Brasil In Prefácio de *Emigrantes*, Obras Completas de Ferreira de Castro, Círculo de Leitores, Lda. Lisboa, 1984.

¹² Entrevista publicada na *Folha do Norte* do Pará em Agosto de 1957 In Prefácio de Jaime Brasil, *Emigrantes*, Obras Completas de Ferreira de Castro, Círculo de Leitores, Lda. Lisboa, 1984.

¹³ O Rio, desta forma referido, são os rios que existem em cada um de nós e em todos os vales da Terra, tal como neste excerto do poema *Rios sem discurso* de João Cabral de Melo Neto, 1966:

...

*Os rios que eu encontro
vão seguindo comigo.
Rios são de água pouca,
em que a água sempre está por um fio.*

*Cortados no verão
que faz secar todos os rios.
Rios todos com nome
e que abraço como a amigos.
Uns com nome de gente,
outros com nome de bicho,
uns com nome de santo,
muitos só com apelido.
Mas todos como a gente
que por aqui tenho visto:
a gente cuja vida
se interrompe quando os rios.*